

DISCURSOS IDENTITÁRIOS DA CAPOEIRA NA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (RBCE)*

JULIANA AZEVEDO DE ALMEIDA

Bolsista de mestrado pela Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Fapes)
Membro do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos –
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
E-mail: julazal@yahoo.com.br

Dr. OTÁVIO TAVARES

Professor adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
Tutor do grupo Programa Especial de Treinamento (PET)/Centro de Educação Física
e Desportos (CEFD)-Ufes
Líder do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos – Ufes
E-mail: tavaresotavio@yahoo.com.br

Dr. ANTONIO JORGE G. SOARES

Professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
e da Universidade Gama Filho (UGF)
Bolsista de produtividade do Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
E-mail: ajoares@globo.com

RESUMO

A capoeira é considerada patrimônio cultural, expressão étnica dos afro-brasileiros e elemento da cultura nacional. O debate sobre a identidade cultural oscila e mescla-se entre os argumentos de legitimação e os de reflexão acadêmica. A questão que este artigo coloca é: como a educação física trata esse tema em sua produção acadêmica? Nesse sentido, analisamos parte da produção acadêmica sobre capoeira na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Concluímos que a produção, mesmo apresentando interface com as ciências sociais, acaba, em geral, por reproduzir a articulação entre o discurso nativo e acadêmico reforçando a construção de uma identidade essencializada desse fenômeno cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira; cultura; identidade.

* O artigo é parte da dissertação de mestrado que será apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), à Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Fapes) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é analisar os limites entre as representações “nativas”¹ e acadêmicas na produção sobre a capoeira veiculada na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*. Não abordaremos a totalidade da produção, dialogaremos com os artigos que tomam a capoeira como expressão de identidades e da cultura nacional e/ou étnica.

No material analisado da *RBCE* a palavra cultura tem sido utilizada em diferentes contextos sem que sejam apresentadas as devidas distinções conceituais. Atualmente, para além do espaço acadêmico, esse termo adquiriu potência na defesa de grupos étnicos, no financiamento de projetos e na agregação de valor aos variados produtos de entretenimento. Cultura significa, nesses espaços sociais, afirmação e legitimação de identidades. Nesse caso, a cultura é qualificada como “étnica”, “nacional”, “regional” e freqüentemente englobada pelo rótulo de “cultura popular”.

A partir dos anos de 1920, o “exótico brasileiro” entra no mercado cultural europeu, especificamente na França, por meio dos contatos entre os modernistas franceses e os modernistas paulistas. A obra de Tarsila do Amaral, por exemplo, é um dos produtos que entra nesse mercado de venda do “exótico”. Alguns produtos culturais do Brasil, do Caribe e de outros países latino-americanos (samba, tango, salsa e comidas exóticas) se tornam marcas de identificação no mercado cultural de consumo do exótico na Europa no primeiro e segundo quartéis do século XX (ARCHETTI, 2003; VIANNA, 2004). O exótico de lá para cá se tornou uma “marca” que agrega valor a produtos e atividades nesse mercado cultural, no qual a produção dos “excluídos” ou o modo de vida dos oprimidos, pelo capitalismo ou pelos sistemas religiosos e/ou políticos, se tornaram, ao mesmo tempo, mercadoria e denúncia da desigualdade no cenário do Primeiro Mundo. O cinema, a televisão, as obras de arte, a literatura, o teatro e outros meios tomam esses temas e práticas como motivos de produção de entretenimento e, por vezes, de denúncia. Nesse cenário, o popular vende e produz fascínio para as classes médias ditas esclarecidas e/ou engajadas.

Ao popular toda uma carga sentimental é associada. A sua narrativa, em geral, suscita uma espécie de mensagem sobre a perda, o resgate, a manutenção e a preservação da cultura dos de “baixo”. Ela torna-se expressão do povo oprimido, lugar de resistência e espaço da criatividade dos “de baixo”. O conceito de cultura popular foi de certa forma reificado nos espaços do debate acadêmico e das lutas para

¹ Neste artigo, chamamos de nativos aqueles que fazem parte apenas do campo da prática da capoeira e não produzem estudos acadêmicos sobre essa atividade.

afirmação de identidades. Nesses termos, os valores e significados – de resistência à dominação, de pureza e originalidade e de liberdade – que lhe foram atribuídos influenciam as manifestações identificadas com a cultura quando transformadas em objetos de estudo no campo das ciências sociais. O agenciamento desses valores em torno do popular dá-se numa dupla direção, na medida em que o campo da produção sobre o “popular” está povoado por atores também vinculados a vida acadêmica. Por essa razão, a capoeira, como manifestação da cultura popular e negra, acaba, em muitos dos casos, sendo tratada *a priori* como uma manifestação de resistência étnica à cultura hegemônica e/ou como expressão do povo. Nessa direção, podemos levantar a hipótese de que a capoeira ao ser reificada como liberdade e resistência do negro acabou por transformar-se num obstáculo para pensar a dinâmica dessa prática em termos históricos, sociológicos e pedagógicos. Hall (2003) lembra-nos que o popular, apesar de trazer a idéia de “resistência”, pode, ao contrário, estar associado ao conservador, ao poder ou servir de base para a construção de políticas populistas. Importante lembrarmos que a capoeira, juntamente com outras manifestações populares associadas à mestiçagem, serviu como símbolo de identidade nacional e como expressão da “cultura genuinamente brasileira” durante a política do Estado Novo. Essa imagem perdura em variados graus, ainda hoje, e entra como componente de sua narrativa identitária.

Os conceitos de cultura e identidade são faces da mesma moeda, mas não podemos confundi-los (CUCHE, 2002). De maneira simples, podemos dizer que entendemos o termo cultura como um mapa que orienta condutas e ações nos espaços sociais. Tal orientação não é homogênea e nem sempre coerente, além do que os atores sempre têm a possibilidade de interpretar contingencialmente as orientações culturais, de contrapor-se a essas ou de lutar para afirmar novos significados e valores.

Cuche (2002) indica que a cultura pode ser socializada de tal forma que se incorpora aos esquemas de ação dos atores sociais de modo quase inconsciente. Em contrapartida, as identidades são acionadas e afirmadas sempre a partir de uma vinculação consciente e normativa em relação ao “outro”. A identidade é, portanto, uma forma de atribuir significado aos grupos e às coletividades ao mesmo tempo em que estabelece distinção ou exclusão de um “outro” nesse processo.

A partir desses pressupostos, pretendemos demonstrar que a capoeira, como objeto de estudo, se insere num terreno ambíguo e contraditório no momento em que aciona os dispositivos do debate acadêmico para legitimar formas de identidade. Nesses termos, conceituar “identidade essencializada” torna-se fundamental para as análises que empreenderemos. De acordo com Cuche (2002), a visão essencialista considera a herança cultural como uma “segunda natureza”, como um dado que

definiria eternamente o sujeito; a identidade estaria condicionada ao grupo original de pertença do indivíduo que o definiria segura e autenticamente.

Concentramos nossa pesquisa na leitura dos artigos sobre a capoeira publicados na *RBCE* desde o v. 1 (1ª edição – 1979) até o v. 27 (n. 2 – 2006). Foram encontrados 22 artigos que tratam do tema capoeira, da leitura do material selecionamos oito artigos² que consideramos exemplares sobre a afirmação de uma identidade cultural essencializada da capoeira.

Devemos destacar que por se tratar de uma revista tradicionalmente ligada à educação física, existem artigos que tomam a capoeira como conteúdo de ensino na escola, como objeto de mensuração de qualidades físicas, como relato de experiência profissional etc. Isso indica que neles a idéia de cultura pode assumir os significados de patrimônio nacional, de identidade e de saber popular que deve ser incorporado ao currículo escolar para uma educação de tipo crítica. Nesse sentido, a pesquisa ou a produção acadêmica retratada na *RBCE*, muitas vezes, esteve pressionada por necessidades de legitimação de determinadas áreas de atuação profissional. A capoeira, em certa medida, como objeto de investigação no interior do campo da educação física, é, em tese, também pressionada por necessidades de legitimação profissional e acadêmica. Isso se soma ao fato que a procura da formação em nível de graduação e de pós-graduação se relaciona muito com a experiência pregressa dos alunos no esporte, na dança, na luta e no exercício físico. Essa perspectiva indica que devemos olhar com atenção a produção acadêmica desse campo; todavia, não quer dizer que possamos generalizar a idéia de que a produção na educação física está voltada para os interesses profissionais de legitimação desse campo e/ou do campo da capoeira.

Antes da análise propriamente dita, ressaltamos que os artigos analisados, apesar da autonomia das obras, são datados e refletem o estágio de desenvolvimento do campo da educação física na época em que foram editados. Além disso, os artigos foram lidos a partir da preocupação exclusiva da afirmação de identidades essencializadas, num periódico que tem por finalidade a divulgação do conhecimento científico.

NARRATIVAS DE ORIGEM, PERDA, RECONSTRUÇÃO E TRADIÇÃO

Ao analisarmos parte da produção sobre a capoeira na *RBCE*, identificamos a presença da afirmação ou defesa de uma identidade cultural unificada e cristalizada em nome da tradição. Observe-se que no mundo da capoeira o apelo às supostas origens e a um passado idealizado como resistência e/ou como contribuição dos

² Os trechos destacados para o estudo não foram recortados de seus contextos. Eles foram interpretados mediante o sentido que produziram no artigo.

afrodescendentes para formação da cultura nacional se tornou um tipo de argumento central para celebrar e defender a singularidade dessa prática. A defesa de uma identidade está sempre vinculada à ameaça interna ou externa da descaracterização dessa prática cultural. O trecho extraído apresenta a relevância do estudo a partir das linguagens da ameaça e da origem: “A importância desse estudo está no resgate da identidade que advém da origem da capoeira e seu desvirtuamento em função de interesses externos a ela” (CORDEIRO, 1991, p. 104).

Nesse trecho, podemos identificar o sentimento de perda que a transformação ou mudança da capoeira causa no analista. Tal perda é produto daquilo que o autor chama de “desvirtuamento”, isto é, algo que perdeu seu curso e desviou-se do “bom caminho” ou dos “objetivos verdadeiros”. Se o argumento fosse levado ao extremo, poderíamos afirmar que Cordeiro gostaria que esse fenômeno cultural se tivesse mantido estático, como não se manteve, ele justifica seu estudo como uma forma de resgate da identidade original do capoeirista. Todavia, o resgate vem associado à idéia de restauração dos valores e das práticas de uma identidade supostamente unificada. Podemos inferir que os argumentos de Cordeiro (1991) se associam à construção de novos significados para identificação de um determinado tipo de capoeira em um contexto em que convivem diversos “estilos ou tipos” de capoeira. Como entendemos cultura como espaço de disputa de significados, a posição desse articulista indica a luta para afirmar, nesse determinado campo, o que seria a “capoeira” legítima. Nesse caso, devemos lembrar que as identidades se apresentam fragmentadas, elas são “celebrações móveis” na modernidade, transformadas continuamente e definidas relacional e situacionalmente. O processo de identificação de grupos não pára no tempo (HALL, 2005).

Mestre Zulu (1989) assina um artigo com o título “Depoimento sobre o ideário Beribazu de Capoeira”. O referido texto foi produto de uma palestra no 6º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Destacamos que um artigo assinado numa revista científica pelo pseudônimo “Mestre Zulu” é um indício das singularidades de um campo de intervenção profissional em processo de construção do campo acadêmico e de pesquisas. Além disso, a presença de Mestre Zulu como palestrante demonstra o agenciamento da cultura popular no espaço acadêmico. Na década de 1980, a educação física brasileira passou por aquilo que se denominou movimento renovador, e trazer a capoeira ou a expressão da cultura popular para o campo acadêmico, mesmo a partir de uma visão romantizada do objeto, era em si uma expressão da ruptura com o modelo nomeado de tecnicista ou esportivizante.

Nesse contexto, Mestre Zulu apresentou o ideário do grupo Beribazu a partir de um duplo argumento de legitimação: a) o da tradição “arte-luta” da capoeira com sua origem libertária e negra como arte popular; b) o do tratamento científico

a partir das dimensões antropológica, sociológica, filosófica, educativa, pedagógica, preparativa³, estética, entre outras dimensões. Observe-se que a legitimação do grupo passa pela articulação do discurso supostamente científico com o da valorização da cultura popular como local de resistência.

A proposta do grupo Beribazu é praticar uma capoeira que é autodenominada de contemporânea. De acordo com Mestre Zulu (1989), a capoeira como qualquer manifestação cultural não poderia permanecer “imune às influências”, mas as transformações devem preservar uma espécie de núcleo duro, isto é, características cristalizadas e autênticas que são essenciais. Nesse sentido, o grupo Beribazu teria classificado, a partir das várias vertentes da capoeira, os fundamentos e movimentos em:

[...] educativos, esquivas, desequilibrantes, traumatizantes, acrobáticos, bloqueios, projeções e chaves e torções; sendo que na nossa concepção da capoeira arte-luta excluímos as três últimas classes de fundamentos por considerá-las alienígenas ao acervo cultural matriz do negro e seus descendentes, além de ferirem as características essenciais da capoeira (MESTRE ZULU, 1989, p. 66).

A justificativa utilizada para exclusão dos fundamentos achados nas diferentes vertentes da capoeira vincula-se à sofisticada idéia de preservação de um acervo de movimentos autênticos e originais vinculado à cultura negra e, ao mesmo tempo, adequado e reformulado pelas demandas “simbólicas” do mundo contemporâneo. O grupo Beribazu seria assim, ao mesmo tempo mais moderno e mais “original” do que as “outras vertentes” que incorporaram em seus respectivos estilos formas alienígenas de movimento à cultura matriz do negro e de seus descendentes. A originalidade aqui advém do fato de a capoeira ser tratada no interior do grupo como prática e como objeto de estudo nas dimensões históricas, sociológicas, filosóficas, pedagógicas, estéticas, além de outras.

O discurso do Mestre Zulu (1989) pode ser configurado numa das duas versões de essencialismo identitário definidas por Woodward (2000). Essa versão caracteriza-se pelo apelo a um passado obscurecido e, talvez, reprimido, “[...] no qual a identidade proclamada no presente é revelada como um produto da história” (p. 37). Já a segunda versão de essencialismo “[...] está relacionada a uma categoria ‘natural’, fixa, na qual a ‘verdade’ está enraizada na biologia. Cada uma dessas versões envolve uma crença na existência e na busca de uma identidade verdadeira” (WOODWARD, 2000, p. 37). Poder-se-ia pensar que a ênfase dada por Mestre Zulu

³ O articulista define essa dimensão como a preparação física, técnica, tática, ideomotora, invisível e a preparação psicológica (MESTRE ZULU, 1989, p. 64).

na história e na cultura do negro acaba por construir um amálgama entre os limites da história, da origem e da raça.

Essa linha de argumentação radicaliza-se quando a identidade da capoeira é apresentada como algo supostamente inscrito no “código genético” da formação histórica nacional, tanto que o corpo do brasileiro reagiria “por instinto” diante dos estímulos dessa arte. Cuche chama-nos a atenção para esse tipo de argumento que pode sugerir uma racialização dos grupos. Nesse caso, a “[...] identidade repousa então em um sentimento de ‘fazer parte’ de certa forma inato. A identidade é vista como uma condição imanente do indivíduo, definindo-o de maneira estável e definitiva” (CUCHE, 2002, p. 178).

Vejamos o texto a seguir:

De uma forma até pouco racional, reagimos quase que instintivamente a esses estímulos [da capoeira] manifestando através do nosso corpo, a identificação com esses símbolos que nos remetem as mais remotas origens da nossa civilização e, particularmente, ao berço de formação da nossa pluricultural nação brasileira.

[...] É indiscutível a contribuição da cultura africana na constituição do ethos que caracteriza nosso povo (CASTRO JÚNIOR; ABIB, 1999, p. 178).

Nesses termos, a construção da nação pela influência africana acaba por homogeneizar a cultura afro pela cor da pele, embora a diáspora africana tenha abarcado diferentes etnias que habitavam aquele imenso continente. O argumento pode ser classificado de romântico, se levarmos em conta que os articulistas pregam uma autenticidade baseada na constituição étnica ou nacional. Vemos que as origens da capoeira e da nação coincidem num tempo “real”, o que lhe dá um tom de autêntico, aquilo que sempre foi assim. A estratégia⁴ para unificar as identidades na capoeira gira em torno de um apelo do papel central do negro na construção do sentimento nacional.

Utilizar-se da etnia de uma forma “fundacional” é uma tentadora maneira para unificar identidades (HALL, 2005), principalmente num país que teria como elemento homogeneizador a mestiçagem. Entretanto, devemos pensar que hoje essa estratégia pode estar perdendo a força de legitimação no Brasil, pois, conforme Silva esclarece⁵:

⁴ Entendemos aqui como “ideológicos” ou “ideologias” aqueles discursos que buscam afirmar, teorizar e integrar objetivos com fins de constituir propagandas convencionais para projetos político-sociais. Discursos dessa natureza revelam um compromisso com as situações em jogo por meio de mensagens de motivação que podem até acionar sentimentos morais (GEERTZ, 1989).

⁵ Silva (2006, p. 5) argumenta que alguns símbolos que valorizam o negro na nossa sociedade, como o jogador Pelé, ou o samba – e aqui incluímos a capoeira –, atuam “[...] ideologicamente para

[...] Existe uma outra maneira de pensar a Nação em termos raciais em oposição à visão da mestiçagem e as conseqüências políticas e sociais desta. Segundo Maggie, Fry e Fabiano Monteiro, o que está em voga [...] é uma nova forma de observar a sociedade brasileira em que há uma linha divisória clara entre brancos e negros [...] (2006, p. 1).

Lembremos que “perder força” não significa que a idéia de miscigenação desapareceu. Os artigos que consultamos são datados pelo desenvolvimento do campo da educação física e pelo debate racial na sociedade brasileira, porém isso não significa que, mesmo a perspectiva engajada para tratar a capoeira como expressão da cultura negra, tenha renunciado o discurso da mestiçagem, da tradição e da integração nacional.

Vejamos o trecho a seguir:

Dessa maneira, o ensino da “tradição da roda” adota o círculo enquanto movimento inicial e final da aula, prestigia a hierarquia da alteridade dos mais sábios e mais velhos, possibilita situações em que estão presentes a sensibilidade, a emoção, a intuição e a razão continuamente, vislumbra neste processo a conscientização dos alunos de uma realidade perversa oriunda do processo colonialista que repercute nos nossos dias e possibilita um conhecimento ligado ao seu legado cultural (CASTRO JÚNIOR; SANT’ANNA SOBRINHO, 2002, p. 99).

Embora o campo da capoeira, em termos gerais, se pense como libertário e contestador por colocar-se, no âmbito discursivo, ao lado dos excluídos, no trecho anterior a valorização da hierarquia dos mais sábios e mais velhos reproduz o valor tradição ou da sociedade hierarquizada. Estamos, contraditoriamente, diante de ideologias que visam sustentar a idéia de que a capoeira por si só já produz atributos conscientizantes e educativos e, ao mesmo tempo, valoriza a hierarquia. Na capoeira anunciada anteriormente, o indivíduo tornar-se-ia um cidadão crítico e herdeiro de um legado cultural ao ser socializado nas tradições da roda. Deparamos-nos com um discurso de exaltação de valores e preservação de tradições que parece pretender criar uma ponte entre a capoeira “que é” e a capoeira que os articulistas “gostariam que fosse”, assegurando, assim, o desempenho de papéis que, de outra forma, poderiam ser abandonados diante das tantas identidades que a capoeira vem assumindo⁶.

O discurso da capoeira como patrimônio da cultura nacional articula, por

reproduzir a noção do Brasil como um país que aceita, e convive bem com, e até eventualmente absorve as diferenças raciais [todavia] ao mesmo tempo em que reforça o convívio entre as raças, por um lado, atualiza o lugar do negro na sociedade brasileira”.

⁶ Geertz explica que as pressões e frustrações geradas pelos desequilíbrios sociais podem propiciar a criação de “ideologias da tensão”. As explicações morais desenvolvidas por essas ideologias tornam-se o elo que liga as “coisas como são” às “coisas como gostaríamos que fossem” e asseguram a manutenção de papéis que se poderiam desfazer por desespero ou apatia (1989, p. 114).

um lado, as idéias de resgate e preservação em nome da perda ou da ameaça de descaracterização e, por outro, indica que a preservação dessa “arte-luta” se deve dar pela incorporação dessa prática nos currículos escolares. Destacamos que as formas de legitimação da capoeira no espaço contestado do currículo (SILVA, 2003) se baseiam no argumento de que a introdução e valorização da cultura popular na escola, por si sós, representam a construção de uma “nova escola” que atende às demandas do corpo e da mente do brasileiro:

[...] destarte há uma necessidade da escola ser um complexo de oferta de “cultura brasileira” e ministrada de forma interdisciplinar sob a perspectiva vivencial-operativa, cujo desdobramento do binômio quer dizer “educar pela arte” e “educar pela inteligência”; assim o Projeto Capoeira na Rede Oficial de Ensino propõe a formulação de uma outra opção de escola, mais democrática e identificada com o saber e a alma do povo brasileiro [...]. A capoeira é excelente manifestação cultural brasileira coadjuvante na construção da inteligência e do comportamento do homem [...]. Ela é arte-luta que comunga, sem dicotomia, com as necessidades do corpo e da mente do brasileiro (MESTRE ZULU, 1989, p. 67).

Deve ser observado que o autor não pode ser considerado um analista, mas, sobretudo, um pedagogo que luta a favor da legitimidade dessa prática na instituição escolar. Observemos aqui a utilização do pressuposto de que a escola se torna democrática ao incorporar a capoeira, ou seja, a cultura popular em seu currículo. Além disso, a capoeira seria uma prática que levaria a romper com a dicotomia presente no pensamento ocidental do corpo e da mente. A estratégia de identidade⁷, mais uma vez, está presente. Do mesmo modo que o anterior, o discurso apresentado a seguir expressa um certo ufanismo por meio de uma linguagem pedagógica romantizada:

Enfocando-se ainda os aspectos educacionais, corporais, sociais, políticos, econômicos, históricos, religiosos e filosóficos da capoeira, que, por conseguinte, poderão levar ao [...] enriquecimento cultural da comunidade (SANTOS, 1991, p. 143).

Na esteira da construção de argumentos legitimadores para a introdução dessa prática nos currículos escolares e, particularmente, nos programas de educação física, esses autores indicam que a capoeira é

[...] um conteúdo pedagógico ainda pouco estudado e trabalhado em sua estrutura técnica

7. O conceito de estratégia [de identidade] indica “[...] que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que busca a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais” (CUCHE, 2002, p. 196).

e cultural para o cotidiano escolar. Dessa forma organizou-se este trabalho bibliográfico com o objetivo de analisar a possibilidade de estruturar a “Capoeira da Escola”, baseando-se nas “metodologias emergentes” (OLIVEIRA, 1999) do ensino da Educação Física, partindo-se do princípio que a capoeira é uma cultura corporal repleta de significações histórico-sociais, pertencentes ao vasto e rico legado da cultura brasileira, [...] constituindo-se assim, como instrumento libertário de educação, permeado pelo forte espírito de brasilidade indispensável ao despertar e exercício crítico de cidadania (SOUZA; OLIVEIRA, 1999, p. 1.434).

Souza e Oliveira (idem, ibidem) afirmam que a capoeira é “instrumento libertário de educação”, repetindo a versão – presente em outros artigos – de um suposto passado de resistência contra opressão ao sistema escravocrata que continuaria, hoje, como instrumento libertário no campo educacional. A capoeira poderia ser tratada como instrumento pedagógico e ressignificada para atingir objetivos educacionais, todavia, acreditar que ela proporciona uma autonomia crítica por possuir um suposto passado libertário e autenticamente brasileiro torna-se, novamente, um argumento de legitimação e de afirmação de uma identidade essencializada. Não podemos afirmar, *a priori*, que essas características estão intrínsecas na estrutura do jogo de capoeira.

A capoeira ressignifica-se constantemente, acompanhando as permanentes transformações sociais. A esportivização, a internacionalização e a mercadorização da capoeira complementam esse processo, mas são vistos, por boa parte dos capoeiristas e acadêmicos, como descaracterizadores da capoeira, mesmo que isso signifique uma expansão dessa atividade.

Vieira (1989) escreve um artigo inovador ao tratar a capoeira como um fenômeno cultural que não está imune ao contato e as transformações da sociedade. Ele rompe com a visão de essencialismo identitário da capoeira. Todavia, a crítica que realiza é em relação à incorporação de “clichês gestuais” e à homogeneização de movimentos da capoeira por indivíduos e grupos. Fundamentado na Escola de Frankfurt, denuncia que essa incorporação acrítica dos “clichês gestuais” pelos indivíduos e pelos grupos periféricos do campo da capoeira se assemelha ao processo de alienação proporcionado pela indústria cultural na sociedade de massa. A capoeira tornar-se-ia, nesse processo, uma prática unidimensional pela homogeneização estética que negaria a vocação libertária dessa arte-luta. Apesar da sofisticada argumentação para época, Vieira (1989) reintroduz a idéia de que a libertação e construção de consciência autônoma do capoeirista passariam pela luta contra a hegemonia da estética dominante da sociedade moderna, jogo de poder esse que, guardadas as devidas proporções, também teria invadido o campo da capoeira. A criatividade e a liberdade de expressão estética no jogo da capoeira seria uma espécie de postura contra-hegemônica, na linguagem gramsciana. A idéia de

autenticidade e originalidade, mesmo numa dinâmica cultural em transformação, acaba por tentar recuperar a suposta origem libertária da arte-luta capoeira.

O processo de mercadorização e de esportivização da capoeira é lido como mais uma arma do capitalismo contra a cultura popular como podemos ver neste discurso: “Incorporada à lógica da mercadorização e da esportivização, a capoeira não foge às regras e aos ditames do sistema capitalista [...]” (FALCÃO, 1999, p. 1.304). No contexto do artigo, o autor discute como a capoeira tem acompanhado os objetivos de beleza e rendimento disseminados na atual sociedade e, em meio à sua argumentação, posiciona essa prática como vítima do capital. Assim, a cultura popular, vista como local de resistência, assumiria, nesse caso, o papel de vítima do sistema capitalista.

Nesse sentido, tratar a cultura popular – e aqui, a capoeira – como oprimida é retirar a sua capacidade de criação e adaptação ao sistema. De todo modo, a produção da cultura popular tem mostrado tanta vitalidade que as suas práticas não pedem mais a defesa salvacionista utilizada no passado; muitas vezes, os atores sociais dessas práticas culturais administram e promovem seus próprios produtos (TRIGUEIRO, 2005).

CONCLUSÃO

A *RBCE* é um dos principais veículos de divulgação de artigos acadêmicos da área da educação física. Por meio dela, bem como de outros ferramentais de difusão científica, as idéias ganham valor, já que a denominação de “científico”, no sentido vulgarizado do termo, lhe dá o tom “verdade”. Além disso, os articulistas, subentendidos como possuidores de um “[...] acesso privilegiado às instâncias de produção pública de discursos” (SCHNEIDER, 2004, p. 7), adquirem “competência discursiva” perante a sociedade para elaborar e reproduzir opiniões que, por tal condição, influenciam bastante outros atores sociais.

Antes de finalizarmos, ressaltamos que parte dos discursos sobre a capoeira na *RBCE* surge, exatamente, em um período de mudanças epistemológicas no tratamento intelectual das atividades corporais. Embora a primeira edição desse periódico fosse veiculada em 1979, somente na virada da década de 1980 para 1990 é que se iniciam as produções sobre capoeira nessa revista. Somente no final desse período que observamos uma valorização e um reconhecimento das emoções e dos afetos no tratamento interpretativo dos esportes⁸, fato que, certamente, impulsionou a produção de estudos sobre a capoeira por analistas que

⁸ Para melhores esclarecimentos sobre a mudança no tratamento interpretativo do esporte consultar Lovisoló (2002). Esse autor designa essa mudança como “virada argumentativa”.

entremeiam tanto o campo prático, quanto o campo intelectual dessa atividade corporal considerada arte popular.

Existe uma relação entre tal proposição e a argumentação de que os articulistas se mostram mais como ideólogos e defensores da capoeira como arte popular do que como um fenômeno que merece ser problematizado. Percebemos que os discursos com ênfase nas características essenciais da capoeira estão vinculados, de certa forma, à sua maior inserção nas instituições de ensino superior e ao acelerado processo de esportivização e, também, a sua transformação em produto no mercado do entretenimento e lazer no Brasil e no exterior.

Vimos como os discursos ideológicos permeados por romantismos e exaltações se integram a objetivos, afirmações e teorias, tornando-se “propagandas convencionais” para a capoeira, no sentido de Geertz (1989). Ainda que não tenhamos analisado a trajetória de vida dos articulistas, as características dos discursos elaborados na *RBCE* indicam que a linguagem dos interesses é acionada, principalmente, por aqueles que praticam e estudam o fenômeno em questão. Assim, a “autoridade discursiva”⁹ adquirida por esses indivíduos acaba por servir como arma estratégica para proporcionar legitimidade a uma prática que, talvez, ainda sofra algum grau de estigmatização na sociedade brasileira. Não falamos aqui de sujeitos calculistas que manipulam essas estratégias todo o tempo, mas os articulistas, quando são também atores sociais na capoeira, acabam em seus textos revelando os conflitos desse campo sob a autoridade da ciência.

Verificamos que o intuito principal é afirmar e conservar tradições que são muito mais recentes do que parecem. Nesse caso, essas tradições (re)inventadas assumem o objetivo de inculcar novos valores e comportamentos que proporcionam coesão e estabilidade às práticas culturais na modernidade tardia e acabam por adquirir legitimidade. Utilizar-se de elementos que permeiam o universo nativo e recorrer a sentimentos de pertencimento com a nação é uma boa tática para legitimar a capoeira no mercado interno e das nações, pois

[...] para que uma ideologia se realize como tal, “capture os sujeitos”, provoque adesão, é preciso que as significações produzidas pelo seu discurso encontrem eco no imaginário dos indivíduos aos quais se dirige, isto é, é preciso que se dê uma certa adequação entre as significações desse discurso e as representações dos sujeitos (OLIVEN, 2006, p. 27).

⁹ Cuche fala de uma “autoridade legitimada”, ou seja, uma autoridade conferida pelo poder para “[...] impor suas próprias definições de si mesmos e dos outros. O conjunto das definições de identidade funciona como um sistema de classificação que fixa as respectivas posições de cada grupo. A autoridade legítima tem o poder simbólico de fazer reconhecer como fundamentadas as suas categorias de representação da realidade social e seus próprios princípios de divisão do mundo social. Por isso mesmo, esta autoridade pode fazer e desfazer os grupos” (2002, p. 185).

Nesse cenário, os articulistas estão mais inseridos nos processos criticados do que eles parecem imaginar. A preservação da tradição, a afirmação da autenticidade brasileira da capoeira e a criação de mitos (entre outras estratégias) dão um tom de exótico a essa atividade, o que a torna mais rentável, principalmente, no mercado cultural externo. A intenção de afirmar uma identidade que se pretende inovadora ou mesmo revolucionária, acaba, por vezes, assumindo um processo de identificação conservador, homogeneizador, essencialista e nacionalista.

Concluimos, assim, que os artigos sobre a capoeira analisados demonstram mais a intenção de valorização dessa atividade no mercado das práticas culturais (clubes, centros de cultura e escolas) do que a de descrever ou interpretar o mundo social ou o seu impacto nos currículos escolares.

Identity discourses of capoeira in the "Revista Brasileira de Ciências do Esporte" (RBCE)

ABSTRACT: Capoeira is considered as a cultural heritage, an Afro Brazilian ethnical manifestation and a national cultural feature. The debate on cultural identity fluctuates between arguments of legitimation and academic reasoning. This article discuss how does physical education deal with that theme in the scholarly production? To accomplish this aim we have analyzed articles on Capoeira published in the "Revista Brasileira de Ciências do Esporte" (RBCE). We concluded that even demonstrating interfaces with social theory the papers examined tended to intermingle native and academic discourses that reinforces a fundamental identity of this cultural phenomenon.

KEY WORDS: Capoeira; culture; identity.

Discursos identitários de la capoeira en la "Revista Brasileira de Ciências do Esporte" (RBCE)

RESUMEN: Capoeira es considerada un patrimonio cultural, una expresión étnica de los afros brasileños y de la cultura nacional. La discusión sobre la identidad cultural oscila entre argumentaciones de legitimación y la reflexión sociológica. Lo intento del artículo es examinar cómo la Educación Física se ocupa de ese tema en la producción académica. De esta manera, hace un análisis de una serie artículos de la "Revista Brasileira de Ciências do Esporte" (RBCE) a cerca de la temática de la Capoeira. Concluye que la producción en RBCE, aunque exhiba interfaz con las teorías sociológicas, presenta una articulación entre el discurso nativo y el discurso académico que refuerza la elaboración de identidades fundamentales de la Capoeira como un fenómeno cultural.

PALABRAS CLAVES: Capoeira; cultura; identidad.

REFERÊNCIAS

ARCHETTI, E. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

CASTRO JÚNIOR, L. V.; ABIB, P. R. J. Capoeira: intervenção e conhecimento no espaço escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 177-183, set. 1999.

CASTRO JÚNIOR, L. V.; SANT'ANNA SOBRINHO, J. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 2, p. 89-103, jan. 2002.

CORDEIRO, I. C. de A. A perda da autonomia da capoeira em função da sua inter-relação com o sistema desportivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 104, set. 1991.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.

FALCÃO, J. L. C. Na "roda de capoeira": corpo e imaginário social – esclarecimento e intervenção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 1.304-1.310, set. 1999.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOVISOLO, H. Sociologia do esporte: viradas argumentativas. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26., 2002, Caxambú. *Anais...* São Paulo: Anpocs, 2002. 1 CD-ROM.

MESTRE ZULU. Depoimento sobre o ideário beribazu de capoeira. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 11, p. 64-68, set. 1989.

OLIVEN, R. G. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil – nação*. 2. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2006.

SANTOS, E. R. dos. Projeto de extensão "Expansão da capoeira". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 143, set. 1991.

SCHNEIDER, J. Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações a sobre a etnografia da identidade nacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 97-129, abr. 2004. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 2 fev. 2007.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, A. P. Pelé x Edson Arantes do Nascimento: algumas considerações sobre nacionalidade e raça no Brasil. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA SABERES E PRÁTICAS ANTROPOLÓGICAS DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI, 25., 2006, Goiânia. *Anais... S.I: s.ed.*, v. 25, fascículo 25, 2006. 1 CD-ROM.

SOUZA, S. A. R. de; OLIVEIRA, A. A. B. de. A capoeira da escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 1.434, set. 1999.

TRIGUEIRO, O. M. Produtos folkmiidiáticos: produção, circulação e consumo de bens das culturas populares no mundo globalizado. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS CULTURAS POPULARES, 1., 2005, São Paulo. *Anais... Brasília/São Paulo*: Instituto Polis, 2005. 1 CD-ROM.

VIANNA, H. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

VIEIRA, L. R. Criatividade e clichês no jogo da capoeira: a racionalidade do corpo na sociedade contemporânea. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 58-63, set. 1989.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 5. ed. Petrópolis:Vozes, 2000. p. 7-55.

Recebido: 28 jan. 2008

Aprovado: 13 maio 2008

Endereço para correspondência

Juliana Azevedo de Almeida

Av. Santa Leopoldina, 6^a etapa – Ed. Demantóide, apto. 302 – Coqueiral

de Itaparica

Vila Velha-ES

CEP 29102-906